

A reorientação da formação por meio da educação interprofissional e prática colaborativa - Pró-saúde e PET Saúde



Mudança no ensino baseada em EPS problematiza cenários de prática e provoca impacto em profissionais e usuários

Duas disciplinas comuns para sete cursos da área de saúde materializam mudanças no ensino baseadas em Educação Permanente em Saúde (EPS) no estado do Paraná. A experiência “A reorientação da formação por meio da educação interprofissional e prática colaborativa – Pró-saúde e PET-Saúde”, desenvolvida na Universidade Estadual de Maringá (UEM), tem promovido interprofissionalidade e mobilizado sete coordenações de cursos diferentes – Medicina, Odontologia, Enfermagem, Psicologia, Farmácia, Biomedicina e Educação Física –, impactando a trajetória de estudantes, tutores(as), profissionais de saúde e comunidade local.

A experiência tem como origem o desenvolvimento de várias iniciativas derivadas da Política Nacional de Educação Permanente (PNEPS) e das experiências decorrentes do Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde) e do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), consolidando um movimento iniciado em 2004. Esses antecedentes deram uma base estável e consistência para o trabalho desenvolvido. A implementação das disciplinas Atenção à Saúde I e II foi planejada para preparar o(a) estudante para a prática colaborativa por meio da aprendizagem em equipe interprofissional, desenvolvendo competências. O cenário para o ensino é o Sistema Único Saúde (SUS): 21 Unidades Básicas de Saúde (UBS) de três municípios da região Noroeste do Paraná, matriciados pela UEM.

As duas disciplinas fazem parte dos componentes curriculares obrigatórios dos sete



Rozilda das Neves Vidigal,
professora na UEM

cursos e são ofertadas nos dois primeiros anos. Os/As alunos(as) são divididos(as) em grupos tutoriais multiprofissionais compostos por estudantes de todos os cursos envolvidos, um(a) docente tutor(a) e um(a) profissional de saúde preceptor previamente capacitados(as). Para isso ser possível, foi necessária a articulação com as sete coordenações de curso e a constituição de uma comissão formada pela Secretaria de Saúde de Maringá e a UEM.

As aulas das disciplinas adotam metodologias ativas de ensino-aprendizagem, vivenciadas na realidade do serviço, e a aprendizagem se dá por meio da problematização nos cenários de prática. As atividades desenvolvidas têm como foco a Atenção Básica (AB) à saúde e incluem visitas para conhecimento da porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS), as Unidades Básicas de Saúde (UBS); promoção do conhecimento sobre o território de atuação, incluindo perfil epidemiológico, e da composição da rede de saúde; conhecimento

dos serviços disponíveis na AB e sua relação com demandas do território; observação das práticas de acolhimento, de estratégias de informação e comunicação com os(as) usuários(as) e da humanização no serviço; apresentação do conceito de redes de atenção; identificação dos serviços de prevenção e promoção de saúde nas UBS e das condutas de encaminhamento na rede de saúde.

No âmbito do debate sobre interprofissionalidade promovido pela experiência, há discussão sobre o papel do(a) estudante na formação interprofissional e da sua relação com profissionais, estudantes, tutores(as) e comunidade, além das contribuições das diversas profissões de saúde em atividades de Atenção Primária à Saúde e o convívio em uma equipe multiprofissional. Integram esse escopo ainda debates sobre as mudanças nos serviços voltadas para o atendimento ao modelo de atuação interprofissional e de práticas colaborativas e a compreensão da aplicação desses conceitos em atividades de educação e promoção de saúde e prevenção de doenças. A avaliação de todo esse trabalho integra autoavaliação dos(as) alunos(as), avaliação dos pares, avaliação integrada e *feedback*.

Para Edson Arpini, docente do curso de Medicina da UEM que avaliará a disciplina “Atenção em Saúde” em seu doutorado, a construção do tutorial que rege a disciplina envolvendo os(as) professores(as) – tutores(as) – e os(as) preceptores(as) – trabalhadores da rede municipal de Saúde – criou “um importante vínculo entre o serviço e o projeto inicial, através daqueles que ‘fazem a coisa acontecer’ junto à população”.

Novo perfil do estudante em saúde

Os resultados da experiência incluem a inserção de 1.200 alunos(as) no primeiro ano do curso em educação interprofissional e práticas colaborativas, com ampliação e qualificação da inserção da prática educacional na atenção básica da saúde em grupos interprofissionais. Para os(as) estudantes, a iniciativa paranaense diminuiu a discrepância entre a formação acadêmica e as necessidades do território, aproximando-os da realidade do SUS. Os(As) alunos(as) que passaram pela disciplina são facilmente reconhecidos pelos profissionais de saúde pela formação diferenciada e o trabalho tem impactado, em especial, os agentes comunitários de saúde (ACS). O contato com os(as) estudantes interferiu positivamente no processo de trabalho dos ACS, por exemplo, com o restabelecimento de espaços de equipe para solução de problemas e articulação do trabalho.

A aproximação com o sistema público de Saúde também teve efeito entre docentes, que tiveram contato prático com os serviços de saúde e um novo cenário de ensino para atuar, desenvolvendo projetos a partir da necessidade da comunidade. Para os(as) profissionais de saúde envolvidos, a experiência propiciou a aproximação com a academia e melhor compreensão da sua participação na formação dos(as) estudantes.

Na experiência, as intervenções realizadas nos serviços tiveram como elemento motivador as necessidades do serviço ou da comunidade e, entre os(as) usuários(as), a iniciativa motivou o reconhecimento de suas reais necessidades de saúde e o fortalecimento do controle social.

“Pude conhecer um pouco melhor o trabalho realizado pelos colegas de outras áreas da saúde, como Farmácia, Biomedicina, Psicologia, Odontologia, Educação Física e Medicina. Foi uma experiência boa, conseguimos entender melhor as funções uns dos outros e juntos desenvolvemos um trabalho em equipe. Esse tipo de ensino faz com que os trabalhos não fiquem fragmentados, com foco em uma só área, pois quando todos contribuem isso se torna algo mais amplo e realmente interdisciplinar”.

Ohana Panatto, estudante de enfermagem da UEM



Quer saber mais?

Instituição promotora: Universidade Estadual de Maringá

E-mail para contato: sec-asc@uem.br

Confira vídeo da apresentação da experiência no Seminário do Laboratório de Inovação em Educação na Saúde, realizado entre os dias 6 e 8 de março de 2018, em Brasília (DF).